

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## AS FACES DO SOFISTA DE ELEIA

Lucio Lauro Barrozo Massafferri Salles  
Ousia - UFRJ

---

RESUMO: Apresento aqui a hipótese de que Platão pode ter usado aspectos da filosofia e do estilo de Alcidas em na composição poética dos personagens *Estrangeiro de Eleia* e *Palamedes Eleático*. Para compartilhar essa hipótese, farei uma leitura onde examino e comparo determinadas passagens do *Sobre os Sofistas*, de Alcidas, com o *Sofista* e com o *Fedro*, de Platão.

PALAVRAS-CHAVE: Sofista; Linguagem; Alcidas; Platão.

ABSTRACT: Here I present the hypothesis that Plato may have used aspects of the philosophy and style of Alcidas in the poetic composition of the characters of *Stranger of Elea* and *Eleatic Palamedes*. In order to share this hypothesis, I will do a reading where I examine and compare certain parts of the *On the Sophists*, of Alcidas, with the *Sophist* and with the *Phaedrus*, of Plato.

KEY-WORDS: Sophist; Language; Alcidas; Plato.

---

Creio que examinar as relações entre os pensamentos de Alcidas e de Isócrates seja uma tarefa menos complexa do que deslindar os fios que ligam o *réfuteur terrible* da escola de Górgias, Alcidas, a Platão<sup>1</sup>.

Afinal, diferentemente do que se sabe sobre a disputa entre Alcidas e Isócrates, envolvendo ideias e práticas, não se tem notícias de que Alcidas tenha sido ouvinte de Sócrates, e nem que Platão tenha estudado com Górgias, em algum momento de sua vida. Em lugar algum, dos textos que nos restaram, Alcidas e Platão se referem diretamente, um ao

---

<sup>1</sup> Compondo o capítulo final de minha Tese, *Raízes Sofísticas (Sobre a escrita como phármakon para a fala ou Da tradição gorgiana até Alcidas de Eleia)*, o presente artigo é o segundo, de uma série de três. O primeiro desses, já publicado (*O certame de Alcidas e Isócrates*), analisa uma contenda prático-teórica ocorrida entre Alcidas e Isócrates, no cerne da sofística gorgiana. O segundo, que ora aqui apresento, expõe a hipótese de que Platão empresta ideias e traços estilísticos de Alcidas para compor aspectos dos personagens *Estrangeiro de Eleia* e *Palamedes Eleático*, no *Sofista* e no *Fedro*. E o terceiro artigo da série, examina e compara passagens do *Sobre os Sofistas* e do *Fedro*, onde possivelmente Platão dialoga com uma perspectiva de Alcidas sobre a potência das linguagens falada e escrita.

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

outro. Além disso, se, por um lado, os manuscritos supérstites de Alcidamante<sup>2</sup> nos são suficientes para mostrar que ele entendia a retórica como uma arte da palavra que prioriza a improvisação de discursos, o manejo oportuno dos *enthymémata* e o correto uso da escrita (*Sobre os Sofistas*. §1–2), por outro lado, mesmo sabendo que Alcidamante distinguia retórica de filosofia, afirmando, entretanto, ensinar ambas, perderam-se no tempo os textos que poderiam mostrar com mais detalhes o conteúdo da sua doutrina filosófica, ao contrário do ocorrido com Platão, que teve os seus dramas cuidadosamente guardados e preservados por membros da Academia. Creio que o núcleo da filosofia de Alcidamante tenha sido registrado no livro perdido *Físico*, citado por Diógenes Laércio (VIII. 56), e no *Museu*, do qual só nos restaram citações fragmentadas, que podem ser encontradas em textos que vão, desde Aristóteles, até Nietzsche<sup>3</sup>. Mesmo não se tendo preservado esses livros (*Físico* e *Museu*), o que restou de Alcidamante é suficiente para mostrar que ele possuía o que Aldo Brancacci chamou de "erudição enciclopédica" (2008: 74)<sup>4</sup>, lembrando que essa era uma característica comum entre os primeiros sofistas, figuras essas quase que indiscerníveis dos chamados filósofos pré-socráticos.

Alcidamante defendia um estilo de ensino sofisticado da velha guarda, da qual Górgias, seu mestre, foi um dos expoentes. Além de fortemente influenciada pela antiga poesia grega, notadamente por Homero, essa tradição sapiencial valorizava a fala presencial como instrumento de transmissão, a dialética antilógica e antitética como método de refutação e especulação, e a física e a medicina enquanto disciplinas paradigmáticas, mais voltadas para a investigação científica.

---

<sup>2</sup> *Sobre os que escrevem discursos escritos* [*Sobre os Sofistas*] e [*Odisseu*] *contra Palamedes, por traição*.

<sup>3</sup> Cf. no testemunho de Aristóteles a referência ao livro *Messeníaco* (*Retórica*. 1373 b 15), onde se diz sobre a concepção libertária de Alcidamante de que “a divindade a todos deixou livres; a ninguém fez escravo, a natureza [*phýsis*]”, assim como em 1379 a10, cf. uma citação relativa ao discurso sobre Messênia, onde se lê que “se a guerra é causa dos males presentes, a paz haverá de corrigi-los”; também em 1398 b 10-20, onde Alcidamante diz que “a pólis deve ser governada por filósofos” (sobre isso, cf. também em Platão, na *República* V, 473 d); em 1406 a 5-30 até 1406 b 5 -15, cf. citações que provavelmente foram retiradas do livro *Museu* (*Santuário das Musas*). Sobre o manuscrito do período antonino, *O tratado florentino sobre Homero e Hesíodo, sua origem e seu certame*, que Nietzsche afirma ter tido o *Museu*, de Alcidamante, como fonte, cf. em Nietzsche F. (*Das Florentinische Traktat über Homer und Hesiod, ihr Geschlecht und ihren Wettkampf*. Rhein. Mus. 25 (1970), 528-540; 28 (1973), 211-249 (= G. Colli, F. Montinari [eds.], F. Nietzsche: *Werke Kritische Gesamtausgabe*, vol. II 1: *Philologische Schriften*, 1867-1873, Berlin -Nova York, 1982, pags. 271 -337). Em sua tese, *Study in Alcidas and his relation to contemporary sophistic* (1924, Introdução), Marjorie Milne cita o manuscrito *Tékhne*, para nós perdido, possivelmente um texto de Alcidamante, sobre a *Arte Retórica*.

<sup>4</sup> Essa observação de Brancacci se encontra no artigo em que ele traduz e analisa o *Sobre a Música* (o *Papiro Hibeh* I 13), um pequeno escrito sobre uma polêmica entre a retórica e a música grega antiga, datado aproximadamente entre o final do V e o início do IV século a.C, que Brancacci crê ter sido redigido por Alcidamante de Eleia. Sobre as razões de Brancacci para sustentar que o texto pertence à Alcidamante, cf. em Brancacci, A. *Alcidamante e PHibeh* 13 “De Musica”. *Musica della retorica e retorica della musica*, em Idem, F. Decleva Caizzi (eds.), *Aristoxenica, Menandrea, fragmenta philosophica*, Florencia, 1988, 61-84 (Mús).

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

Posto isso, cabe dizer que não são poucos os comentadores que perceberam estreitas relações entre ideias de Alcídamente e de Platão<sup>5</sup>, considerando a observação de uma série de coincidências encontradas nas escritas de ambos. A maior parte dessas coincidências se verifica no texto *Sobre os Sofistas*<sup>6</sup>, de Alcídamente, e nos dramas *Sofista* e *Fedro*, de Platão, estando no *Fedro* o grande indício que reforça a hipótese de que Platão possa ter disfarçado traços de Alcídamente de Eleia (261 b-e) sob a máscara poética do personagem *Palamedes Eleático*<sup>7</sup>. É provável que tenha sido uma atenta leitura dessa passagem do *Fedro* o que levou um especialista em textos de Platão, como Quintiliano, a afirmar que se tratava, ali, de uma velada alusão de Platão a Alcídamente (*Instituição Oratória*. III. 1, 8-10)<sup>8</sup>. Essa leitura de Quintiliano é uma pista fecunda para se tentar entender o enigmático silêncio de Platão, em relação a Alcídamente<sup>9</sup>, tal como aponta Léon Robin, compartilhando o seu espanto com as seguintes palavras:

Na lista [de rétores] que é feita por Platão, no *Fedro*, faltam dois nomes importantes: o de Antífote de Ramnunte, que, contemporâneo de Górgias, teria sido, entretanto, seu discípulo, vindo a falecer em 411 a.C, e o de Alcídamente, outro discípulo de Górgias e seu sucessor, diz-se, à frente de uma escola, contemporâneo de Platão e rival de Isócrates, um rétor que em

<sup>5</sup> Cf. em Marjorie Milne (1922. p. 9) onde ela cita Teichmüller, Raeder e Gercke, aos que eu ainda acrescentaria, Avezzù (1982), Dusanic (1992) e Daroca (2005). Embora tenham notado tal proximidade, Zycha, Blass e Theodor Gomperz estavam entre os que criam que Alcídamente se espelhara em Platão, diferentemente dos comentadores anteriormente citados.

<sup>6</sup> Há certo consenso de que esse manuscrito de Alcídamente é anterior à redação dos dramas *Fedro* e *Sofista*. Guido Avezzù (1982. p. 71), por exemplo, situa a confecção do texto de Alcídamente em torno de 392-390 a.C, coincidindo com a abertura da escola de filosofia de Isócrates e a confecção do seu *Contra os Sofistas*. Avezzù entende que Alcídamente era atuante, em Atenas, por volta de 410 a.C. Em minha Tese, exponho as razões que me fazem crer que o texto de Isócrates, *Contra os Sofistas*, é uma resposta aos ataques que Alcídamente desferiu contra logógrafos e filósofos escritores, no seu *Sobre os Sofistas*.

<sup>7</sup> Para Marjorie Milne (1922, p. 14), o trecho do *Fedro* que vai de 261a até 261e corresponde “a mais importante passagem do *Fedro* para entender Alcídamente de Eleia e a sua relação não somente com Platão, mas também com outros de seus contemporâneos”.

<sup>8</sup> Sobre a praticamente insolúvel discussão de cunho filológico de que constaria no *Fedro* o gentílico *Eleatikós* e não *Elaitês*, o que literalmente mostraria que a cidade de Eleia, de onde viera Alcídamente, era outra, que não a italiana, remeto o leitor aos argumentos de Marjorie Milne (1924. ps. 17-18) e aos de Slobodan Dusanic, que nos lembra, em nota (1992. ps. 349-351, n° 20), que, em uma carta de junho de 1868, Nietzsche propôs a Paul Deussen corrigir o “Ἐλεατικόν”, do *Fedro* (261 d), para “Ἐλαϊτικόν” (sobre isso, cf. também em Avezzù, nota n° 3, [T 15] p. 70). Lembro ainda, com Dusanic, que é pouco provável que um conhecedor da obra de Platão, como Quintiliano, fizesse alguma confusão dessa ordem. Sendo também possível cogitar que Platão tenha feito propositalmente um jogo de palavras, envolvendo as duas cidades de Eleia, aproveitando-se da notável coincidência de que um nativo da Eleia eólica (Alcídamente), próxima a Jônia, fosse um rival seu, de Lísias e de Isócrates, e, que, além disso, que ele, Alcídamente, conhecesse, ensinasse e escrevesse sobre as doutrinas filosóficas dos eleatas italianos (cf. em Diógenes Laércio. IX. 56). A Eleia de Alcídamente localizava-se na antiga região grega da Eólia, na Ásia Menor, chamando-nos a atenção, também, o fato de que, no seu texto [*Odisseu*] *contra Palamedes, por traição* (§23), Alcídamente aluda ao suposto fundador de sua cidade natal, o estrategista Menesteu de Atenas (cf. na *Iliada*. II. 546-556. XII 373 e XII 195), a quem se atribui uma mítica versão sobre a invenção dos discursos forenses (*dikanikós lógoi*), ver sobre isso em *Prolegômenos a Hermógenes. Περὶ Στασέων. Rhetores Graeci*. Vol. XIV. P. 189.

<sup>9</sup> As possíveis alusões veladas a Alcídamente são ainda mais abundantes no *Fedro* do que no *Sofista*.

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

nenhum lugar Platão pronuncia o nome e que, entretanto, ele cita ao menos uma vez<sup>10</sup>. ... [...]... Eu observo simplesmente o fato, sem pretender inferir quanto aos motivos desse silêncio.

(*Phèdre*. [2002]. In Notice. CXCI–CXCII)

Sobre essa manifestação de Léon Robin, interessa destacar a possibilidade de que, na mesma passagem do *Fedro* em que apresenta o personagem *Palamedes Eleático*, Platão esteja encobrindo Antifonte sob a máscara de Nestor<sup>11</sup>. Pois, se, por um lado, é impossível saber a motivação desses silêncios de Platão, por outro lado, têm-se a possibilidade de estabelecer conexões que revelem aspectos dessas máscaras por ele poetadas, ao se comparar e analisar certas passagens do *Sofista* e do *Fedro*, com os escritos supérstites de Alcidas. Afinal, refletindo e ampliando uma observação de Stanley Rose, acerca do enigmático personagem *Estrangeiro de Eleia*, do *Sofista*, vale dizer que não nos interessa inferir tanto sobre “identidades históricas” (1983: 62)<sup>12</sup>, quanto tentar entender o que esses disfarces criados por Platão podem dizer a respeito de identidades filosóficas.

Iniciamos a leitura examinando uma passagem do *Sofista* (225 a-b) onde se visualiza uma justaposição de elementos entre as figuras dramáticas *Estrangeiro de Eleia* e *Palamedes Eleático*. Nessa passagem, procedendo a uma série de divisões e subdivisões obtidas predominantemente com raciocínios de *eikós*<sup>13</sup>, o personagem *Estrangeiro de Eleia* propõe a

---

<sup>10</sup> Léon Robin se refere aqui a uma passagem do *Banquete* (196 c), onde Agatão diz que *Eros* não pratica violência porque “*as leis soberanas da cidade*” acham justo tudo aquilo que os cidadãos acordam de bom grado. Cf. também em Aristóteles (*Retórica*. 1406 b) essa mesma citação sendo atribuída a Alcidas, o que praticamente confirma a alusão velada que Platão faz a um dito de Alcidas, no *Banquete*.

<sup>11</sup> Sobre essa hipótese, cf. em Filóstrato (*Vida dos Sofistas* 1.15 (2.15-16 Kayser = 498 Olearius) [A.6 DK/ T6 (d) P] e Plutarco (*Vida dos dez oradores*. 833 c-d), na medida em que ambos dão testemunho de que Antifonte era conhecido, em Atenas, sob a alcunha de Nestor, devido à potência dos seus discursos. Além disso, segundo Plutarco, Antifonte teria sido o primeiro a ter um livro sobre *Arte Retórica* publicado em Atenas, o que coincide com a menção figurativa de Nestor como autor de “*conhecidos tratados de retórica*”, algo que é tradicionalmente interpretado como uma alusão a Górgias. Em minha Tese compartilho a leitura de que, no *Fedro* (266e –267a), Platão apresenta um esquema de discursos forenses supostamente usado por Teodoro Bizantino, e que é similar ao esquema utilizado nas *Tetralogias*, por Antifonte. José Ribeiro Ferreira, em sua tradução do *Fedro* (nota nº153), indica que a alusão a “*Adrasto da voz de mel*” (269 a) poderia estar encobrindo a figura de Antifonte (sobre Nestor, cf. na *Iliada* (247-249) onde Homero o descreve como o orador de cuja “*boca escorriam palavras mais doces do que o mel*”).

<sup>12</sup> Refiro-me a quando Rose diz que “*não somos nunca apresentados ao nome próprio do Estrangeiro...[...]...pode-se dizer que somos desafiados a identificá-lo, desde que não se entenda isso como um convite a especular sobre sua identidade histórica*”, pois a pergunta “*quem é esse Estrangeiro*” torna-se mais acessível se a pensarmos como: “*o que é esse Estrangeiro?*”.

<sup>13</sup> É notável que usando um procedimento de divisão e subdivisão de elementos, visando qualificá-los em classes distintas, o personagem *Estrangeiro de Eleia* conduza um diálogo que prima por predicções e conclusões fundamentadas basicamente no dispositivo do *eikós* [esperado, provável, razoável], o que, embora tenha sido apresentado por Platão, no *Fedro* (267 a), em uma perspectiva negativa, acreditamos se tratar de uma característica da tradição a qual pertenciam Tísias e Górgias (cf. a função do *eikós* no *Elogio de Helena* (§5), no

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

Teeteto que se divide a arte agonística (ἀγωνιστική) em competição (ἀμιλλητικός) e em combate (μαχητικός), dizendo ser esperado (εἰκός) “que se dê o nome de violência (βιαστικός), ao combate corpo a corpo, e o de contestação (ἀμφισβητητικός), ao combate de palavras (λόγος)”<sup>14</sup>.

Prosseguindo, o *Estrangeiro* propõe dividir a classe da contestação em duas partes, ficando, de um lado, longos discursos se opondo a outros longos discursos – o que seria o caso das contestações forenses – e, do outro lado, no âmbito privado entre pares, ficariam as falas entrecortadas (κατακερματίζω) sob a forma de perguntas (ἐρώτησις) e respostas (ἀπόκρισις) – o que se configuraria em controvérsia (ἀντιλογικός)<sup>15</sup>. Ora, na visão de Nestor Cordero<sup>16</sup> essa passagem corresponde à “arte privativa” (*antilógica*) do personagem *Palamedes Eleático*, que é a arte de “fazer com que o mesmo apareça aos mesmos, uma vez justo, outras injusto”, assim como fazer com que na Assembléia e nos tribunais “o mesmo, ora pareça bom, ora pareça o contrário, para os cidadãos” (*Fedro*. 261 d). O fato de que Cordero não mencione a possibilidade de que essa passagem possa estar encobrindo uma face de Alcídamente não interfere em nossa leitura, considerando-se que a dialética eleática gorgiana

---

início da fundamentação que é desenvolvida por Górgias, e na *Defesa de Palamedes*, em §9 e §11). A título de exemplo, no caso do *Sofista*, cf. em 220 c, quando se diz que: “é *eikós* chamar de armadilha tudo aquilo que encerre algo para aprisionar”, ou em 229 a, onde se diz que: “para falar segundo os homens, é *eikós* que, para a insolência e a vileza, a arte corretiva seja a que mais se aproxima da justiça”, ou em 236 a, onde, jogando com as palavras, o personagem *Estrangeiro* pergunta se não é “*eikós* chamar de figura [*eikón*] ao primeiro tipo de imitação, por sua semelhança com o modelo”, e também, entre diversas outras, em 231 b; 236 b; 254 b, assim como na conclusão desse texto, em 268 a, onde, concordando com os argumentos do *Estrangeiro de Eleia*, Teeteto diz que “é esperado [*eikós*] que se dê o nome de imitador simples ao primeiro gênero de imitador e de imitador irônico ao segundo”. Cf. também nos *Primeiros Analíticos* (70 a 10), onde Aristóteles classifica os *enthymémata* como silogismos baseados em *eikós*, ou sinais, um tipo de raciocínio que era bastante usado pela antiga tradição retórica siciliana e que Alcídamente lança mão diversas vezes no *Sobre os Sofistas* (§3, §4, §18.5, §18.7, §19, §19.3, §20.4, §20.5, §24.2, §24.3, §25.2, §25.5 e §33.3). Esse aspecto pode ter chamado a atenção de Stanley Rose, quando ele assinala que o personagem *Estrangeiro de Eleia* desenvolve uma inusual teoria da predicação, que é alheia ao estilo de Sócrates. Uma teoria da predicação que, cabe ressaltar, é quase que inteiramente desenvolvida sob a forma de *enthymémata*, mesmo que Platão não os nomeie assim em lugar algum, no *Sofista* (1983, pag. 29). Como aponta Nestor Cordero, é notável que Rose tenha percebido isso e, no entanto, não tenha buscado entender com mais profundidade quem ou o quê poderia estar representando esse estilo de argumentação filosófica (cf. a nota nº 5 da tradução de *O Sofista*, feita por Nestor Cordero).

<sup>14</sup> Cf. em Milne (1922. p. 20), onde ela percebe uma provável alusão de Platão a Alcídamente, estendendo-se até 225 e, chamando-nos a atenção para o fato de que a referência à antilógica praticada pelo *Palamedes Eleático*, no *Fedro* – que Cordero crê ser a mesma do *Estrangeiro de Eleia* – sugere que essa técnica se aplicava a todo tipo de discurso, fosse esse discurso público ou privado.

<sup>15</sup> Optei por traduzir *antilogia* por controvérsia, ao invés de contestação (*amphisbetetikós*), muito embora, no *Fedro*, a prática da *antilogia* esteja referida aos tribunais (261 c), lembrando, de certo modo, também, a caracterização que Aristófanes dá ao seu personagem Sócrates (*Nuvens*. 886-1112), como um “*adestrador em antilogia*”. Cf. no *Sofista* (232 b), onde o *Estrangeiro de Eleia* sugere que sofistas são como “*antilógicos que ensinam antilógica a outros*”.

<sup>16</sup> Cf. a nota de rodapé nº 40 da tradução do *Sofista* feita por Nestor Cordero (1992. p. 355). Cordero não questiona a leitura tradicional que costuma associar a máscara do *Palamedes Eleático*, no *Fedro*, a Zenão, mesmo não se tendo notícias de que, diferentemente de Alcídamente, Zenão tenha, em algum momento, redigido algum tratado sobre *Arte Retórica* (*Fedro*. 261 b).

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

era fortemente marcada pela *antilogia* e o uso de antíteses, como se atesta no *Tratado do não ser*. Igualmente, sabe-se que Alcídamente conhecia o pensamento e o estilo de Zenão, podendo, inclusive, ter feito adaptações a esses, para além dos ensinamentos obtidos com Górgias<sup>17</sup>. Além disso, tal como ocorre nessa fala do *Estrangeiro de Eleia*, o próprio Platão dizia que Górgias definia a arte retórica como uma *agonística*, isto é, uma arte da disputa, uma espécie de “corpo a corpo”<sup>18</sup> com as palavras (*Górgias*. 456 d – 457 b).

No que toca a citada subdivisão da classe de falas contestatórias, em longos discursos e discursos entrecortados, vale lembrar que a descrição da arte de improvisar discursos (αυτοσχεδιαστικες) – típica de Górgias e defendida por Alcídamente – envolvia o produto dessa divisão, considerando-se que, para Alcídamente, a técnica de falar de improviso implicava na *polytropía*, isto é, em saber falar para pessoas distintas, em lugares diversos. Esse eleata entendia que, não somente em conversas privadas, mas, também, em discursos públicos ou políticos seria possível modular a fala, “tanto abreviando a sua extensão, como falando de modo mais alongado do que se havia concebido com mais brevidade” (*Sobre os Sofistas*. §23). Em sua Tese, Marjorie Milne associa esse trecho do *Sobre os Sofistas* com a passagem do *Fedro* (267 a-b) em que Sócrates alude aos estilos de Tísias e de Górgias, apontando veladamente para Córax, para ressaltar as suas habilidades no manejo do dispositivo do *eikós*, nos discursos<sup>19</sup>.

Seguindo essa via, vê-se na seguinte passagem do *Sofista* (222 c-d) uma outra justaposição dessas personas dramáticas fabricadas por Platão, observando que, enquanto o *Estrangeiro de Eleia* descreve diferentes modos (*trópoi*) de discurso, Sócrates, em outro texto, alude aos lugares (*tópoi*) em que esses discursos se aplicam. Trata-se do excerto em que o *Estrangeiro de Eleia* propõe haver três gêneros de discurso, que comporiam a arte do convencimento pela palavra, a saber: o forense (δικανικός), o público (δημηγορικὴν) e o

<sup>17</sup> Como observa Marjorie Milne (1923, pag. 17), Górgias conhecia e usava “os métodos dialéticos de Zenão e de Melisso”.

<sup>18</sup> Proponho a possibilidade de se pensar um paralelo entre *σχέδιος*, significando “luta” ou combate “corpo a corpo”, como é o caso quando ocorre em Homero, e *αυτοσχεδιαστικες*, tal como se encontra em Alcídamente, significando [técnica de] “discurso improvisado” (cf. em CASSIN, pp. 204-205). Lembro que na *Poética* (1449 a), Aristóteles diz que a *αυτοσχεδιαστικες* era uma antiga arte de improvisação que remontava a Homero e aos primeiros poetas. Seria o caso, então, de nos perguntarmos se a fonte de Aristóteles poderia ter sido o livro *Mouseíon* de Alcídamente e, se, para Alcídamente, essa técnica de improvisação, de inspiração poética, não seria uma agonística, como uma espécie de arte de “combate corpo a corpo” que se realizaria com as palavras.

<sup>19</sup> É interessante considerar que a idéia de Alcídamente de que “os que escrevem discursos para tribunais fogem da precisão imitando as interpretações dos que improvisam [discursos], fazendo, assim, com que a escrita pareça mais bela” (*Sobre os Sofistas*. §13) coincide com a passagem em que o personagem Fedro diz que “é, sobretudo, nos processos judiciais que se fala e escreve com arte” (261 b), assim como com o parágrafo 13, do *Elogio de Helena*, onde Górgias diz que, tendo o poder do *phármakon*, “a escrita seria capaz de persuadir uma multidão”, como no caso dos Fóruns, independente de se a redação parte, ou não, da verdade.

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

privado (προσομιλητικός). Ora, no *Fedro* (261 b), o personagem Sócrates cita esses três mesmos gêneros de discurso, antes de perguntar, com ironia, se Fedro conhecia o "manual de retórica escrito por Palamedes, nos momentos de ócio em Tróia", com a sutil diferença de que, se, no *Sofista*, o *Estrangeiro* cita os três gêneros de discurso referidos a uma "arte [geral] de persuasão", no *Fedro* (261 a), dirá Sócrates que a retórica é uma "arte de psicagogia por meio de palavras", podendo ser aplicada "não apenas nos tribunais (δικαστήριον) e muitas outras assembleias públicas (δημόσιοι σύλλογοι), como também nas reuniões privadas (ιδίους)"<sup>20</sup>.

No texto, Fedro diz talvez conhecer os escritos de Nestor e de Odisseu, caso esses estejam encobrando Górgias, Trasímaco ou Teodoro, algo que Sócrates passa ao largo de confirmar. Pode-se levantar a possibilidade de haver nessa passagem uma provocativa alusão ao [*Odisseu*] *contra Palamedes por traição*, de Alcídamente, tanto por esse ser um texto que dramatiza o mítico julgamento de Palamedes, em Tróia, o que perfaz uma espécie de antilogia com a *Defesa de Palamedes*, de Górgias, como pelo fato de Alcídamente afirmar ironicamente, no *Sobre os Sofistas* (§4), a necessidade do ócio, para que alguém pudesse passar o seu tempo "escrevendo, corrigindo e usando escritos dos sofistas anteriores", conseguindo, assim, "agrupar argumentos e imitar os bons discursos"<sup>21</sup>.

Por sua vez, na escrita de Alcídamente, verifica-se uma alusão a esses três mesmos gêneros de discurso com o objetivo de enfatizar a importância da arte de falar de improviso:

Além disso, penso que para a vida dos homens o falar é sempre mais útil, em tudo, enquanto que o escrever poucas vezes dispõe êxito na vida, pois, quem não sabe que falar de improviso é necessário para aqueles que discursam em público na assembleia, nos tribunais e nas reuniões privadas? E, muitas vezes diante de assuntos que surgem inesperadamente, parecem desprezíveis, aos outros, os que ficam calados, enquanto que os que falam, vemos tão honrados como se possuíssem a inteligência de um deus.

(*Sobre os Sofistas*. §9)

Ao ressaltar a potência da performance, mostrando certo menosprezo pelos que emudeciam, quando, por necessidade, deveriam falar vivamente, Alcídamente apresenta uma face do homem político<sup>22</sup>, da ágora, coincidindo com a do filósofo que, estrangeiro em

<sup>20</sup> Cf. em George Kennedy (1963, pp. 85-86) onde ele aponta classificações similares, incluindo a *Retórica a Alexandre*, de Anaxímenes (1421 b8 ss.), e o próprio *Sobre os Sofistas* (§9), de Alcídamente de Eleia.

<sup>21</sup> Sobre isso, cf. também em 278 d-e (*Fedro*).

<sup>22</sup> Em minha Tese apresento a hipótese de que se trata de uma menção a Alcídamente de Eleia, quando Fedro (*Fedro*. 257 c) se refere a "um dos nossos políticos que iniciou contra ele [Lísias] uma série de ataques, em que só o chama de logógrafo" (trad. de C. A. Nunes). Sobre isso, cf. em Isócrates (*Contra os Sofistas*. 9; 14) e em

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

Atenas, ganhava a vida ensinando, afirmando que a liberdade humana era algo de inalienável, divina, na medida em que a *phýsis*, em sua soberana necessidade, assim determinara (Aristóteles, *Retórica*, 1373 b)<sup>23</sup>. Em relação a essa perspectiva libertária de Alcídamente, cabe observar que ela participa da imagem crítica, por ele fabricada, de escritores contumazes enquanto indivíduos acorrentados, presos, sem movimento e sem liberdade, na medida em que se encontravam alijados da vida política, dinâmica, praticada pelos que conseguiam alinhar as falas espontâneas, sem preparação, às suas próprias ideias e desejos, nas ocasiões em que assim coubesse fazer, nos diversos espaços de coabitação na cidade<sup>24</sup>.

Para que se possa observar como que a *αὐτοσχεδιαστικὴς* preconizada por Alcídamente está presente nas performances de Sócrates, lembramos o que diz Szlezák (2009: 47), quando ele destaca que o perfeito domínio que o personagem Sócrates mostra ter da arte retórica não nos deve fechar os olhos para o fato de que “os seus discursos magistras são discursos improvisados [*αὐτοσχεδιάζω*]”<sup>25</sup>. Em outras palavras, a figura de Sócrates não somente reproduz um paradigma do discursador que sabe falar de improviso (inclusive em tribunais), como é, Sócrates, uma persona que nada escreve nos seus momentos de ócio; nem mesmo para a posteridade.

Posto isso, examinaremos agora uma emblemática passagem do teatro do *Sofista* (216 a), na fala inaugural do geômetra cirenaico, Teodoro, quando ele traz à presença de Sócrates uma figura cuja identidade é enfaticamente disfarçada por Platão. Estamos diante da apresentação do enigmático *Estrangeiro de Eleia*, personagem que será incumbido de conduzir uma longa conversa com Teeteto sobre a definição de “sofista”, sob os olhares e silêncios dos personagens Teodoro, Sócrates e Jovem Sócrates.

---

Jaeger (1995, p. 1080), onde ele diz crer que o “*mestre em eloquência política*” a que se refere Sócrates é Alcídamente.

<sup>23</sup> Refiro-me aqui a citação que Aristóteles faz de uma passagem do manuscrito, perdido, *Messeníaco* (aprox. 365. a.C), de Alcídamente.

<sup>24</sup> Em §12, do *Sobre os Sofistas*, Alcídamente propõe que escritos demasiadamente precisos geram desconfiança e aversão na *psiquê* dos ouvintes, parecendo-se mais com poemas, do que qualquer outra coisa. A classificação alcídamentina das palavras como *mimesis* do real e da escrita como imitação das palavras, ocorre também nessa passagem, onde se lê que “os textos por demais precisos se afastam de uma semelhança (*eóika*) com a verdade (*alétheia*)”. De um modo estranhamente próximo ao personagem Sócrates, de Platão (*Fedro*.275 e- 276 a), Alcídamente entendia que o discurso que parte do próprio pensamento, “*vive e é animado*”, ele “*é tal como os corpos reais*”, com toda a imperfeição que esses corpos possuem (§28), enquanto que, por sua vez, a escrita seria apenas uma imagem (*εἶδωλα*), forma (*σχήματα*) ou ícone (*εἰκόν*), uma simples imitação do *lógos* falado.

<sup>25</sup> Sobre isso, cf. no *Fedro* (236 d 5) uma provocação irônica de Sócrates, quando ele pergunta a Fedro se não ficaria ridículo, sendo ele, Sócrates, um ignorante, “*tentar competir de improviso* [*αὐτοσχεδιάζω*], *sobre o mesmo assunto, com um poeta* [como Lísias]”. É digno de nota observar que em sua crítica aos logógrafos e pretensos sofistas que ensinavam retórica e filosofia se escondendo atrás dos seus próprios textos, Alcídamente os chama justamente de “*poetas*”, que, por serem meros escritores, não mereciam ser chamados de sofistas (*Sobre os Sofistas*. §2).



Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

Como aponta Nestor Cordero<sup>26</sup>, trata-se de uma passagem nuclear desse drama, capaz de alterar sensivelmente a direção a se tomar, para interpretar o que a ela se seguirá. Nesse caso, estamos falando do início do *Sofista*, que é onde se encontra a primeira indicação de que alguns aspectos do estilo e do *êthos* de Alcidas de Eleia podem ter sido usados, por Platão, para dar forma ao *Estrangeiro de Eleia*. As observações de Nestor Cordero questionam traduções clássicas, como a de John Burnet<sup>27</sup>, cabendo destacar que essas traduções favorecem a leitura de que o personagem *Estrangeiro de Eleia* seria um genuíno membro da escola eleática de filosofia, em sentido *strictu sensu*, ou, dizendo de outro modo: que esse *Estrangeiro* proviria da mesma linhagem e do mesmo círculo filosófico de Parmênides e de Zenão de Eleia<sup>28</sup>.

Vejamus primeiramente o que diz uma tradução que segue o texto tal como o estabelecido por Burnet para depois examinarmos uma sutil diferença presente em uma tradução latina de Marsílio Ficino, tradução essa datada de 1483.

Na tradução de Burnet, diz Teodoro (*Sofista*. 216 a)<sup>29</sup> que: “Segundo o acordo de ontem, Sócrates, chegamos pontualmente e trazemos um estrangeiro, este aqui, natural de Eleia, do círculo de Parmênides e de Zenão, um homem realmente filósofo”.

Κατὰ τὴν χθὲς ὁμολογίαν, ὃ Σώκρατες, ἤκομεν  
αὐτοὶ τε κοσμίως καὶ τόνδε τινὰ ξένον ἄγομεν, τὸ μὲν  
γένος ἐξ Ἑλέας, ἑταῖρον δὲ τῶν ἀμφὶ Παρμενίδην καὶ  
Ζήνωνα [ἐταίρων], μάλα δὲ ἄνδρα φιλόσοφον.

Embora essa tradução aparentemente transmita uma impressão de coerência, pelo fato de ser esperado que um filósofo nativo de Eleia fosse associado, por Platão, ao círculo de filósofos itálicos encabeçado por Parmênides e Zenão, existem elementos problemáticos no texto em grego que serve de base para essa tradução. Isso fica evidente quando lemos a mesma passagem, na tradução de Ficino, onde Teodoro diz: “Aqui estamos, tal como o combinado, Sócrates, e trazemos conosco este estrangeiro, que é originário de Eleia, ainda

<sup>26</sup> Cf. na íntegra a nota nº 5 da tradução do *Sofista*, feita por Nestor Cordero (1992: 332-333).

<sup>27</sup> E, antes da de Burnet, a de F. Fischer, inspirada na de Janus Cornarius.

<sup>28</sup> Na verdade, o pertencimento a essa tradição eleática independia de se ter, ou não, nascido na cidade de Eleia, veja-se o caso, por exemplo, de Melisso, que era nativo da Ilha de Samos.

<sup>29</sup> Usei aqui a tradução de José Trindade, que é semelhante à tradução de Antonio Tovar, ambas pautadas pelo texto estabelecido por J. Burnet, que é onde consta a dupla ocorrência de *hétairon*, no genitivo singular e no plural, significando, respectivamente, “companheiro” e “companheiros”. Optei por escrever “estrangeiro” ao invés de “hóspede”, como consta na tradução de Trindade.

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

que diferente dos companheiros de Parmênides e de Zenão; esse homem, não obstante, é, sobretudo, um filósofo”<sup>30</sup>.

Κατὰ τὴν χθὲς ὁμολογίαν, ὃ Σώκρατες, ἤκομεν  
αὐτοὶ τε κοσμίως καὶ τόνδε τινὰ ξένον ἄγομεν, τὸ μὲν  
γένος ἐξ Ἐλέας, ἕτερον δὲ τῶν ἀμφὶ Παρμενίδην καὶ  
Ζήνωνα ἐταίρων, μάλα δὲ ἄνδρα φιλόσοφον

Em relação às diferenças encontradas nessas duas traduções, Cordeiro avança a possibilidade da ocorrência de um lapso, bastante comum, entre “antigos copistas que usavam a técnica do autoditado”, sendo provavelmente por isso, que *héteron*, significando “diferente”, foi confundido com *hétairon*, significando “companheiro”, o que acabaria, de certo modo, acarretando problemas para o sentido da frase, devido à existência do segundo *hétairōn*, no genitivo plural, tal como se encontra no texto estabelecido por Burnet<sup>31</sup>. Para Cordero, o que reforça a tese de que a tradução manuscrita de Ficino reproduza com fidedignidade o que foi escrito por Platão é a possibilidade de se compreender “o forte caráter adversativo, do final da frase”, onde Teodoro estaria falando, na verdade, algo como: “esse homem, [não obstante o fato de ser um eleata que é diferente dos companheiros de Parmênides e Zenão], (δὲ) é, no entanto, sobretudo um filósofo”. Afinal, se o *Estrangeiro de Eleia* fosse um companheiro [dos companheiros]<sup>32</sup> de Parmênides e Zenão não faria o menor sentido Platão concluir a frase com um “ele é, sobretudo, um filósofo”. E, diante disso, surge a questão de se pensar por que Platão dramatizaria um eleata refutando a própria filosofia eleática, com o agravante de culminar na teatralização de um parricídio de Parmênides, isto é, nada mais nada menos do que uma alegórica imolação do expoente desta corrente filosófica eleática sendo operada por outro eleata, com vistas a poder elevar “o sofista” ao estatuto de conceito.

Seguindo Cordero, uma pista para se tentar solucionar essa questão estaria na própria tradução de Ficino, uma vez que nela Platão estaria enfatizando que “ainda que o *Estrangeiro* fosse originário de Eleia (sendo o seu eleatismo uma outra questão) ele era diferente dos companheiros de Parmênides e Zenão”. Nesse caso, salta aos olhos o fato de que Alcídamente fosse nativo de uma Eleia<sup>33</sup> que, localizada na Ásia Menor, era diferente da Eleia italiana,

<sup>30</sup> Para o texto do *Sofista*, presente no manuscrito de Marsílio Ficino, uso a tradução de Nestor Cordero.

<sup>31</sup> Cordero diz que todas as traduções, como a de Burnet, “seguem uma proposta de J. F. Fischer (1771), que por sua vez é inspirada na tradução latina de Cornarius (1561)”.

<sup>32</sup> Destaco o que Nestor Cordero aponta como sentido redundante da frase, se considerada a dupla ocorrência de *héteron* (no singular e no plural), tal como se encontra na tradução de Burnet, lembrando que *hétairōn* (plural) acabaria “sendo eliminado por Fischer, justamente por ser redundante” (cf. a nota nº 5 da tradução de Cordero).

<sup>33</sup> Cf. a nota nº 8.

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

nativa de Parmênides e de Zenão, e, além dessa diferença, que Alcidasante praticasse e ensinasse a dialética eleática gorgiana, fundada na *antilogia* e no uso de antíteses<sup>34</sup>, uma dialética associada ao estilo de Zenão.

Até que ponto poderia estar sendo endereçada à tradição sofística representada por Górgias e seus discípulos, parte das caracterizações que o drama *Sofista* desenvolve sobre a figura do sofista, enquanto conceito. Pois, se comparado com os manuscritos *Sobre os Sofistas* e *Contra os Sofistas*, das autorias de Alcidasante e de Isócrates, esse drama platônico não só oferece definições diferentes e mais particularizadas sobre os sofistas e as suas relações com a filosofia, como acaba, também, reformando uma concepção lógica, gorgiana, do “ser e do não ser” enquanto contrários. Se aceitarmos como bastante provável que à época da confecção do *Sofista* Platão entendesse que o *Poema* de Parmênides já havia sido “mortalmente atingido” pela desconstrução irônica que lhe imputara Górgias com o *Tratado do não ser*<sup>35</sup>, faz sentido conceber a existência de um caráter de revide, humorado, na confecção do *Sofista*, o que culminaria na refutação parcial que o personagem *Estrangeiro de Eleia* opera sobre uma estrutura relativamente simples, alicerçada em uma lógica de ordem binária, com a qual Górgias apresenta e opõe o “ser” e o “não ser”, no *Tratado*, tal como se, enquanto entidades, ser e não ser só pudessem ser entendidos ou predicados enquanto contrários entre si. Desse modo, tomando de empréstimo uma expressão de Barbara Cassin (2005: 77)<sup>36</sup>, quando ela alude ao “troco da bofetada” que é dado em Górgias por Aristóteles com a proposição da não contradição enquanto reguladora universal de toda possibilidade de predicação, é possível pensar que o grande alvo da “bofetada” representada pelo *Sofista* não tenha sido exatamente Parmênides, mas sim Górgias e alguns dos seus principais discípulos, como, por exemplo, Alcidasante, Antístenes e Licofrón.

Se essa leitura for minimamente plausível, seria o caso de Platão estar devolvendo o que Górgias infligira ao *Poema*, com o detalhe de que no drama platônico tudo seria feito de modo que se deixasse sutilmente subentendido, quase de maneira ambígua, que o personagem

---

<sup>34</sup> A respeito disso, cf. em MAZZARA. G. *La rhétorique éléatico-gorgienne d'Alcidasante chez Diogène Laërce* (IX. 54) *et les quatres fonctions fondamentales du λόγος*. In: *L'antiquité classique*, Tome 74, 2005, pp. 51-67.

<sup>35</sup> Theodor Gomperz sustenta a leitura de que o *Tratado do não ser* seria uma resposta de Górgias aos ataques que Zenão impusera a filosofia de Empédocles, nos seus manuscritos (*Górgias de Léontini*. in *Les Sophistes*. Paris. Ed. Manucius. 2008 III. p. 132-133.). De certo modo, quando Diógenes nos diz que no livro *Físico* (VIII. 56) Alcidasante menciona um afastamento ocorrido entre Zenão e Empédocles, é possível que se tratasse de uma referência a uma cisão ocorrida no seio da tradição filosófica dos itálicos.

<sup>36</sup> Onde Cassin sustenta a hipótese de que o princípio da identidade, tal como enunciado no livro *Γ* por Aristóteles, representa uma espécie de “troco da bofetada que o *Tratado de Górgias* representa para o *Poema de Parmênides*”.

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

responsável por realizar esse tipo de contragolpe, além de ser um hábil sofista, com características coincidentes com as desse sucessor de Górgias<sup>37</sup>, seria também alguém que sabia como poucos se disfarçar de filósofo, em sendo um estrangeiro que conhecia o que fazer para se misturar ao povo da cidade<sup>38</sup>.

Parece ser justamente essa capacidade de saber se disfarçar nas cidades por onde passa, que Platão faz questão de destacar na fala do *Estrangeiro*, ao citar versos onde Homero mostra o *polýmetis* Ulysses usando a sua habilidade em ocultar a própria identidade<sup>39</sup>. Ora, é fato que os discípulos de Górgias, Antístenes e Alcídamente, viam em Ulysses um protótipo mítico do filósofo, sábio<sup>40</sup>, que possuía as terríveis qualidades do rétor capaz de persuadir qualquer mortal, com a sua fala<sup>41</sup>. Alcídamente mostra essa tendência quando apresenta Ulysses desmontando a argumentação de Palamedes, passo a passo, no seu [*Odisseu*] *contra Palamedes por traição*<sup>42</sup>, invertendo os papéis que Górgias atribuíra a esses dois heróis do ciclo épico Homero, na sua *Defesa de Palamedes*<sup>43</sup>. Também Aristóteles nos dá um

---

<sup>37</sup> Chama a atenção que o drama do *Sofista* comece no dia seguinte ao em que Sócrates foi escutar o discurso acusatório (*graphé*) que havia sido escrito contra ele (*Teeteto*. 210 d) e, que, no seu *Sobre os que escrevem discursos escritos* (ou *Sobre os Sofistas*) Alcídamente defina de modo parcialmente negativo “*sofistas*” que agiam como logógrafos ou poetas, afastando-se da filosofia e da retórica, para dedicarem-se somente a escrever (§14).

<sup>38</sup> Trata-se aqui de uma alusão às características de Ulysses, o personagem que era capaz de estar em todos os lugares (*polýtropos*), inclusive na sua própria casa, como se ele fosse “*ninguém*”.

<sup>39</sup> Refiro-me às emblemáticas alusões feitas por Platão (*Sofista*. 216 a-c) aos episódios envolvendo Ulysses, na *Odisseia* (XVII. 484-487; IX 271 [cf. a nota nº 190 da tradução do *Sofista*, de José Trindade]). Chama a atenção que a primeira citação feita à *Odisseia*, no *Sofista* (216 a), culmine na qualificação do personagem *Estrangeiro* como “*um deus refutador*”, e que se tenha a notícia, através de J. Tzetzis, de que Alcídamente era conhecido sob a alcunha de “*refutador da arte [technoelencos]*” (cf. em *Escólios ao tratado “Sobre a Invenção” de Hermógenes* 6-10 [cf. em *Anedota IV*, p. 44 Cramer = Epít. Ret. III, pag. 684 Walz]). No drama *Sofista* (226 -231), “*o sofista*” é também definido como “*um refutador e purificador da alma*”, o que pode remeter a idéia gorgiana de que a linguagem é um poderoso *phármakon* para a psiquê (*Elogio de Helena*. §13-14). As citações da *Odisseia*, feitas por Platão no *Sofista*, se referem a episódios em que Ulysses está, ou disfarçado de mendigo, ou com a sua identidade ocultada do olhar do ciclope *Polífemo*.

<sup>40</sup> É significativo que o *Códice X [Palatinus Graecus 88]* se encerre com o *Elogio de Helena*, de Górgias, e que nele encontremos na sequência do *Sobre os Sofistas* e do [*Odisseu*] *contra Palamedes por traição*, de Alcídamente, as duas únicas peças de Antístenes que nos são conhecidas, a saber: *Ájax* e *Odisseu*. Notável também que Antístenes seja autor de um *Tratado sobre o Cão*, o qual acredita-se estar relacionado com o episódio do reconhecimento de Ulysses, por seu cão, na *Odisseia* (XVII. 219;315) e que Alcídamente apareça associado à figura do cão, na escrita de Luciano de Samósata (cf. em AVEZZÚ. 1992. p. 68-69), com o seu personagem Alcídamente (*O Banquete*). Cf. em Menandro uma referência a textos de Alcídamente denominados *O Elogio da Pobreza* e *O Elogio de Proteu, o Cão [Sobre os Discursos Epidícticos*. III 346, 17-19 SPENGLER] assim como uma referência de Aristóteles, sobre isso, na *Retórica* [1401 a15-24].

<sup>41</sup> No *Sobre os Sofistas* (§3), Alcídamente diz que um rétor hábil deve saber “*obscurecer e anular discursos*” de seus adversários. Na *Apologia de Sócrates* (17 b), Platão descreve Sócrates como um “*orador terrível*”, assim como, também, Aristófanes caracteriza Sócrates dessa maneira, ao longo de toda comédia *Nuvens*.

<sup>42</sup> Respondendo como em uma *antilogia* à *Defesa de Palamedes*, de Górgias, em seu texto Alcídamente dá voz a Ulysses enquanto acusador, cabendo a Palamedes o papel de verdadeiro traidor dos gregos.

<sup>43</sup> É interessante que Górgias atribua esse papel de sábio ao mítico Palamedes, e, que, tanto Platão, como Xenofonte, refiram-se a Palamedes em seus textos como um protótipo do sábio inventivo que é invejado e traído por Odisseu, sendo acusado e condenado à morte injustamente perante um tribunal (cf. em Xenofonte [*Defesa de*

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

testemunho do quanto a poesia de Homero – em especial a *Odisseia*, com as peripécias de Ulysses – era considerada por Alcídante como "um belo espelho da vida humana" (*Retórica*. 1406 b12-13), uma espécie de "modelo ético", para usar as palavras de Javier Daroca (2005: 52).

Muito embora esse quadro todo nos seja demasiado distante, e talvez para alguns um tanto quanto fantasioso, é bastante provável que leitores da época, que frequentavam aquele meio e conheciam com certa proximidade as disputas alimentadas entre os institutos formadores rivais, conseguissem identificar com relativa facilidade o que aqui se especula através desses variados indícios, aproximações e interpretações.

Posto isso, veremos agora uma passagem que alude a versos homéricos<sup>44</sup>, onde Sócrates ironicamente pergunta se não seria o *Estrangeiro* uma espécie de "deus refutador"<sup>45</sup> que teria a incumbência de examiná-los e censurá-los, devido à fraqueza dos seus argumentos (*Sofista*. 216 b). A essa fala de Sócrates, Teodoro reage dizendo não ser esse o caráter do *Estrangeiro de Eleia*, uma vez que ele seria "mais moderado do que os que se ocupam com erística". Teodoro diz que, embora pareça a ele que homem nenhum seja um deus, esse *Estrangeiro* era "certamente divino; pois assim ele denomina todos os filósofos" (216 c)<sup>46</sup>.

Finalmente, na sequência desse excerto, vê-se Sócrates perguntar ao misterioso eleata (217 c) se ele desejaria explicar sob a forma de um longo discurso (μακρός λόγος)<sup>47</sup> ou se à maneira de Parmênides (217 d-e), através de perguntas (ἐρώτησις).

Nesse momento, o *Estrangeiro de Eleia* diz a Sócrates o seguinte (217 d-e):

O certo é que estou um tanto envergonhado, Sócrates, pois, nesse primeiro encontro com vocês, ao invés de avançar pouco a pouco, palavra (*épos*) por palavra (*épos*), eu terei que desenvolver um longo argumento (*makrós lógos*), seja comigo mesmo, ou com outro, tal como se fizesse uma demonstração (*epidéixis*). Na realidade, a questão que agora abordamos [o

---

Sócrates. 26; *Memórias de Sócrates*. IV. 2. 33, 9] e em Platão [*Apologia de Sócrates*. 40 b]). Tanto o personagem Palamedes como os Sócrates de Xenofonte e de Platão defendem-se com discursos improvisados, sem recorrer a textos de defesa escritos previamente. Sobre as proximidades entre a *Defesa de Sócrates* de Platão e a *Apologia de Palamedes* de Górgias, cf. em James A. Coulter (*The relation of the Apology of Socrates to Gorgias 'Defence of Palamedes and Plato's Critique of Gorgianic Rhetoric'*, HSCPh 68 (1964), 269-303).

<sup>44</sup> *Odisseia*. IX. 271 e XVII. 484-487.

<sup>45</sup> Ver a nota nº 39.

<sup>46</sup> Destacamos aqui a ocorrência do verbo προσαγορεύω, raras vezes usado por Platão, que tem o significado técnico de "denominar" (ou dirigir-se a), mas que era de uso corrente em Alcídante, como veremos mais adiante. Curiosamente προσαγορεύω ocorre também uma vez no *Fedro* (266 b8) quando, descrevendo as virtudes do *Palamedes Eleático* e dos que eram capazes de argumentar e raciocinar usando sínteses e divisões, Sócrates afirmar que "seguirá como a um deus" todos aqueles que saibam usar o que ele, Sócrates, identifica e "denomina" (προσαγορεύω) dialética.

<sup>47</sup> Também Protágoras era reconhecido como uma especialista nessa forma de discurso (μακρός λόγος).

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

que é o sofista?] não é algo assim tão fácil de responder, como podia se esperar, pois ela requer um discurso longo. Por outro lado, tendo em vista o que disseste, não agradar a você e nem aos demais me pareceria algo rude e indigno de um hóspede<sup>48</sup>.

No melhor estilo gorgiano, chama a atenção, nessa passagem, que o *Estrangeiro* se refira ao estilo de argumentação macrológica como algo que lhe é peculiar, tal como uma *epidéixis* (*Górgias*. 447 a-d; 449 c), isto é, um fala típica dos que discorrem livremente sobre algum tema, com ouvintes atentos ao seu redor. Ora, de acordo com Diógenes Laércio (IX. 54), Alcidamante concebia quatro tipos de *lógoi*, agrupados em dois pares, a saber: afirmação (φάσις) e negação (ἀπόφασις)<sup>49</sup>; interrogação (ἐρώτησις) e definição (προσαγόρευσις)<sup>50</sup>. E, o que é mais intrigante, diferentemente do que ocorre na maior parte dos textos de Platão, onde não são muitas as ocorrências do verbo *proságoreuo*, em seus vários tempos e modos, no *Sofista* o *Estrangeiro de Eleia* usa bastante esse termo para denominar classes e subclasses de elementos que vão sendo examinados, ao longo da conversação. Sobre isso, a título de exemplo, tem-se a já aludida passagem em que Teodoro diz chamar de divinos a todos os filósofos, mas não de deuses (216 c)<sup>51</sup>, além de muitas outras, como no caso do excerto em que o *Estrangeiro* propõe denominar “manufaturadas, as coisas compostas e fabricadas” (219 b2), ou ainda a passagem em que ele propõe chamar de “armadilha, todas as jaulas, redes, laços, cestos e demais artificios de caça desse mesmo gênero” (220 c5), ou também na que o eleata pergunta a Teodoro se não se denomina “comércio no atacado” aquilo que se troca de uma cidade a outra, por meio de compra e venda (223 d7)<sup>52</sup>.

Diante disso cabe perguntar se essas ocorrências desse tipo específico de *lógos* comum ao vocabulário de Alcidamante, sendo encontradas na fala do *Estrangeiro de Eleia*, não corresponderiam a uma censura que Nestor Cordero<sup>53</sup> faz à leitura de Stanley Rose, a saber, a de que mesmo reconhecendo que, na abertura do *Sofista*, Platão introduz vários

<sup>48</sup> Traduzido da tradução de Nestor Cordero.

<sup>49</sup> Cf. na fala do *Estrangeiro de Eleia*, *phásis* e *apóphasis* sendo definidas como discursos de afirmação e negação (*Sofista*.263 e 13).

<sup>50</sup> Seguindo uma sugestão de Untersteiner (2009; p. 95) traduzo *proságoreusis* também como “*alocução*” (pública). Cf. no próêmio do *Sobre os Sofistas*, Alcidamante questionar se não seria mais justo dirigir-se aos que se afastavam da retórica e da filosofia, dedicando-se à atividade da escrita, como poetas, ao invés de sofistas: “καὶ τοὺς ἐπ’ αὐτὸ τοῦτο τὸν βίον καταναλίσκοντας ἀπολελειφθαι πολὺ καὶ ῥητορικῆς καὶ φιλοσοφίας ὑπειληφώς, καὶ πολὺ δικαιότερον ἂν ποιητὰς ἢ σοφιστὰς προσαγορευέσθαι νομίζων.”

<sup>51</sup> Θεῖος μὴν· πάντας γὰρ ἐγὼ τοὺς φιλοσόφους τοιοῦτους προσαγορεύω; na tradução de José Trindade: “*pois, eu assim [divino] denomino todos os filósofos*”; enquanto, na tradução de Nestor Cordero: “*pois esse [divino] é o qualificativo que eu outorgo a todos os filósofos*”.

<sup>52</sup> Cf. também outras ocorrências, no *Sofista*, em 232 a 6; 245 d 5; 252 b 10; 256 b 7.

<sup>53</sup> Cf. a nota de rodapé nº 5 da tradução do *Sofista*, por Nestor Cordero.

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

termos técnicos do estranho anônimo nas observações de Sócrates (ROSE. 1983: 65) e que esse anônimo “não era alguém do círculo de Sócrates” (*ibidem.* pg. 62), Rose, no entanto, não percebe a necessidade de se manter o *héteron*, da tradução de Marsilio Ficino; um detalhe importante que, segundo Cordero, é praticamente uma chave para se ler todo o restante do texto.

Para Giuseppe Mazzara (2005: 62), Alcidamante pensava *proságoreusis* como um equivalente retórico da *apókrisis* dialética que era usada por Protágoras (D. L., IX. 53), dialética essa que, em certa medida, correspondia à que era usada por Sócrates, com o seu par instrumental *erótesis/apókrisis*. Assim, em tese, enquanto a *apókrisis* destacaria, sobretudo, o conteúdo de um dito, a *proságoreusis* alcidamantina envolveria tanto esse conteúdo, como a forma com que ele é enunciado. Mazzara entende que *proságoreusis* seria para Alcidamante algo como o “modo de alocação com o público e a sua relação com a *polytropía*” (*idem*), cabendo ainda dizer que Alcidamante talvez identificasse a retórica com a dialética, não como Platão fez nos dramas *Fedro* e *Górgias*, e nem como posteriormente faria Aristóteles.

É possível que Alcidamante entendesse que, em sendo parte da arte retórica, a dialética se voltasse também para os grandes espaços políticos, onde os discursos mais extensos (*makrós lógos*) contemplariam tanto o aspecto de *epidéixis* de ideias, como o de *polytropía*, entendida aqui como capacidade de alcançar e se fazer entender por grupos de ouvintes distintos entre si, em diferentes espaços<sup>54</sup>. Essa leitura recepciona a hipótese de que Alcidamante possa ter desenvolvido e ensinado tanto técnicas de discursos políticos<sup>55</sup> englobando os espaços da Assembleia, da ágora e dos tribunais, como também tenha ensinado uma *tékhne* voltada para as falas privadas, entre os pares ou grupos reduzidos, tal como ele mesmo sugere no *Sobre os Sofistas*<sup>56</sup>, o que, como destaca Nestor Cordero, corresponde à técnica privativa do *Palamedes Eleático* do *Fedro*, ou, quem sabe, às divisões e sínteses pautadas em argumentos de *eikós*, tal como o *Estrangeiro de Eleia* opera no *Sofista*. Em certa medida, o que aqui pensamos vai de encontro a uma passagem dos *Prolegômenos a Hermógenes*<sup>57</sup>, onde consta que Alcidamante definia a dialética como “a faculdade do que

<sup>54</sup> Essa seria uma das mais emblemáticas características de Górgias Leontino, tal como ele é descrito no *Górgias*, por Platão (447 a-c).

<sup>55</sup> Sobre isso, cf. a nota nº 22. Cf. em Jaeger, W. (1995, p. 1080), onde ele entende que a alusão de Sócrates aos mestres de eloquência política no *Contra os Sofistas* era provavelmente endereçada a Alcidamante de Eleia.

<sup>56</sup> Cf. no *Sobre os Sofistas* (§9), assim como também no *Sofista* (222 c), o que é também observado por Marjorie Milne (1922, pag. 19) em referência ao drama *Fedro* (261 b).

<sup>57</sup> A passagem completa diz que “outros definiam [a retórica] restritivamente, quando diziam que essa era dialética, e definiam a dialética do seguinte modo” (*Prolegômenos aos ‘Estados’ de Hermógenes*. VII 8 Walz; ou Rabe, H. [192; 10]).

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

resulta plausível”, algo que difere sensivelmente, quase que em uma inversão, daquilo que a figura dramática de Górgias teria defendido sob a pena de Platão, a saber, de que seria a retórica uma arte criadora de persuasão<sup>58</sup>.

Cabe ainda observar que a valorização da improvisação poética aplicada aos discursos parece ter sido um diferencial que contrapôs as orientações preconizadas por Platão e por Aristóteles às que Górgias adotara para os seus discípulos. E, afinal, mesmo que Aristóteles tenha divergido de Platão no que toca a importância vital da música e da poesia na formação sapiencial humana, é fato também que Aristóteles censurava enfaticamente os estilos poéticos das *léxeis* de Górgias e dos seus discípulos, Alcidamante, Isócrates, Antístenes e Licofrón, não poupando, pelo mesmo motivo, nem mesmo a Empédocles, o outro expoente da tradição siciliana a que pertencia Górgias e a quem Platão chama humoradamente de "Musa da Sicília" (*Sofista*. 242 e)<sup>59</sup>. É possível que, para o autor do *Museu* (*Mouseion*)<sup>60</sup>, Alcidamante, a escola em que ele sucederia Górgias em Atenas, ensinando filosofia e retórica, fosse considerada uma espécie de "Santuário das Musas", um lugar condenado não somente por Aristóteles<sup>61</sup>, mas, também, por Platão. Lugar esse onde a transmissão dos saberes, o talento e a inspiração poética, se misturariam entre si, ao longo de processos de formação onde também as práticas de linguagem voltadas prioritariamente para o exercício da vida política seriam tão valorizadas quanto a intelectualidade e a abstração. Essa leitura favorece a que se lance outro olhar sobre um enigmático dito, humorado, do personagem Sócrates, ao final do *Fedro*. Trata-se de quando Fedro é exortado por Sócrates a ir até a presença de Lísias para informá-lo que, tendo o texto de Lísias sobre *Eros* como mote, eles, Fedro e Sócrates, divertiram-se bastante, examinando questões de eloquência, tendo,

<sup>58</sup> Cf. no *Sobre os Sofistas* (§1 e §2) o contexto das ocorrências de ῥητορικῆς, em Alcidamante. Sobre essa sucessão, de Górgias por Alcidamante, ver, entre outros, em Dionísio de Halicarnasso (*Sobre Isaeu*. 19) e na biblioteca bizantina *Suda* (Górgias. 388; Alcidas. 1283.1).

<sup>59</sup> Em um capítulo de minha Tese eu explicito o porquê de compreender que Empédocles pertencia a uma antiga tradição de filósofos que remonta a Parmênides e Pitágoras, assim como tinha raízes estabelecidas em uma antiga tradição retórica siciliana, que remontava a Córax, Tísias e Górgias. Nesse sentido, tal como Górgias, Empédocles entendia que a linguagem era um *phármakon* para o psiquismo, uma perspectiva filosófica de cunho pitagórico, sobre o alcance e a potência das palavras. A respeito disso, cf. em Jâmblico (*Vida de Pitágoras*. 16. 64; 25)

<sup>60</sup> Para Marjorie Milne (1922, pp. 61-62) o manuscrito *Sobre os Sofistas* (*Sobre os que escrevem discursos escritos*) seria uma introdução ao grande livro de Alcidamante, *Museu*, que teria o *Certame de Homero e Hesíodo* (ver Nietzsche) compondo a sua parte central.

<sup>61</sup> Considerado por Ludwig Radermacher (134, XXII. 14) como um fragmento do livro *Museu* (*Mouseion*), cf. na *Retórica* (1398 b10-20) a citação onde Aristóteles menciona a reverência que Alcidamante cria que se deveria ter por sábios como Homero, Sólon, Pitágoras e Anaxágoras, além da necessidade, concebida por Alcidamante, de que "os magistrados de uma pólis fossem filósofos". Também na *Retórica* de Aristóteles (1406 a-b), vê-se uma série de citações a Alcidamante, provavelmente referidas ao livro *Museu* (*Mouseion*), passagens essas em que Aristóteles obsta aspectos da *léxis* excessivamente poética de Alcidamante.



Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

inclusive, "descido até a fonte das Ninfas e ao santuário das Musas (*Mouseíon*)"<sup>62</sup>. É bem possível que ao se referir ao *Mouseíon*, no final do *Fedro* (278 b), Platão possa estar lançando uma provocação direcionada ao conteúdo do livro *Mouseíon*, de Alcídante de Eleia.

Diante disso, refletindo sobre uma observação de Javier Daroca (2005: 38), cabe perguntarmos se, quem sabe se por representar a continuidade do ensino de Górgias em Atenas, tendo em alta conta a *mimesis* poética e os efeitos psíquicos causados pelas palavras possuidoras da potência do *phármakon*<sup>63</sup>, ao que se acrescenta uma perspectiva política diferente e libertária, Alcídante não seja mais um "referente polêmico do famoso veredito contra os poetas, que Platão produz no último livro da *República*"<sup>64</sup>?

Creio que é possível pensar que talvez não fossem exatamente poetas, mas sim sofistas que se incumbiram de ensinar a "juventude dourada ateniense"<sup>65</sup>, as personas que Platão considerava ser preciso excluir da sua cidade idealizada. E isso decorreria da perspectiva de Platão de que esses sofistas possuiriam estilos acentuadamente poéticos, sendo os seus ensinamentos capazes de inflamar as paixões dos jovens, assim como desestabilizar certos alicerces que sustentavam a organização da *pólis* grega, como um todo. Afinal, não é absurdo pensar que o domínio da dialética eleática gorgiana, aliado à valorização da técnica de improvisação poética (*αυτοσχεδιαστικες*)<sup>66</sup> que ensinava a construir *enthymémata* e aproveitar o *kairós*, possa ter ajudado a fazer com o que o estrangeiro Alcídante viesse a se tornar um incômodo, no que se refere às perspectivas de educação mais tradicionais ou aristocráticas, algo que se aplicaria também a animosidade que lhe seria devotada pelo ateniense Isócrates.

---

<sup>62</sup> Nessa leitura, o *Fedro* se colocaria como o terceiro elemento, em uma discussão já estabelecida entre Alcídante (*Sobre os Sofistas*), de um lado, e Isócrates (*Contra os Sofistas*), do outro; sendo Lísias, de certo modo, um modelo para Isócrates (cf. em Cícero, no *Brutus* 48 e também em Dionísio de Halicarnasso [*Lísias*. 28-29] onde ele comenta ter Lísias servido como um paradigma para Isócrates). Cf. também a seguinte citação de Aristóteles (*Retórica*. 1406 a25) a Alcídante: "recebendo da natureza a inspiração das Musas".

<sup>63</sup> Cf. no *Elogio de Helena* (§13-14) de Górgias e no *Sobre os Sofistas* (§10) de Alcídante.

<sup>64</sup> A respeito da polêmica em torno da *mimesis*, em Platão, remeto o leitor à nota n° 91 da tradução dos textos de Alcídante feita por Javier Daroca, onde se destaca uma leitura de Richardson, para quem Aristóteles teria reelaborado material escrito por Alcídante, no livro *Sobre os Poetas* (*The Contest*. ps. 7-9; e "*Riflessione sulla letteratura e biografi presso i Greci*", em (ed.), *La philologie grecque a l'epoque hellenistique et romaine* [Entretiens sur l'Antiquité Classique, 40], Vandoeuvres-Ginebra, 1994, pags. 211-262, esp. pags. 256-257). Cf. também na *República* (607 d-e) onde, após condenar parcialmente a "poesia imitativa voltada para o prazer", Platão provoca os "defensores da poesia que não forem poetas, mas, sim, filopoetas (*φιλοποιητής*)", para que façam, em prosa (*μέτρον λόγος*), a sua defesa da poesia, mostrando, se possível, que, além de agradável, a poesia seria "útil para os Estados e para a vida humana".

<sup>65</sup> A expressão é tomada, por empréstimo, de Claude Mossé (1987. p. 11).

<sup>66</sup> Cf. em Aristóteles (*Poética*. 1449 a ) e ao longo do *Sobre os Sofistas*, de Alcídante (§8; §13; §14; §16; §17; §18; §20; §22; §23; §29; §30; §31; §32; §33; §34). Cf. também em Aldo Brancacci (1988. p. 75), sobre a *autoskhediastiké* alcidantiana enquanto uma técnica fundamentada pelo domínio dos *enthymémata* e pelo conhecimento do *kairós*.

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

Para além de simplesmente identificar o seu espírito agonístico, de intenso polemista, os ataques que Alcídamente desferiu contra os estilos de Lísias, Isócrates e outros, mostram outra face das afinidades com o seu condiscípulo Antístenes, uma figura a qual Platão, também, em momento algum, se refere diretamente nos seus dramas, e com quem, no entanto, desenvolveu tanto divergências como admiração. De modo similar a Alcídamente, censurando e ironizando líderes de escola rivais por supostamente se afastarem da filosofia e da retórica, devido, também, à timidez ou voz inapropriada para a participação ativa na vida política, nos seus textos, Antístenes não poupou os escritores contumazes e os logógrafos profissionais (D. L., VI. 15). Entre os ataques mordazes de Antístenes a esses, destacam-se títulos como *Sobre os escritores de discursos forenses* (περὶ τῶν δικογράφοις) – ao qual alinhamos com o *Sobre os que escrevem discursos escritos* (περὶ τῶν τοὺς γραπτοὺς λόγους γραφόντων), o *Sobre os Sofistas*, de Alcídamente – assim como o *Paralelo de escritores ou Lísias e Isócrates* e *Contra o “sem testemunho” de Isócrates*, que parecem não deixar grandes dúvidas sobre a existência de um ambiente de intensas disputas teóricas – e também por espaço docente – entre esses pensadores coetâneos.

Como insinua McCoy (2010: 17), as objeções de Alcídamente aos expoentes da sofística que se destacavam mais como autores de textos e livros do que como rétores, poderiam ser perfeitamente estendidas a Platão, pelo fato de, tal como Isócrates, Platão ser "conhecido como autor de obras escritas" que "mimetizavam e adaptavam as formas da dramaturgia ou da oratória"<sup>67</sup>. Some-se a isso o detalhe de que Platão possuía uma voz fraca (ἰσχνόφωνός) <sup>68</sup>, como aponta Diógenes Laércio (III. 5), o que talvez tenha dificultado uma maior participação sua nos espaços públicos onde o *agôn* de ideias e de discursos poderia ser posto à prova<sup>69</sup>. Nas palavras de Alcídamente (*Sobre os Sofistas*. §15-17), os que se afastavam da retórica e da filosofia, praticando somente a parte menor da *Arte Retórica* (a escrita) "ficavam mais emudecidos do que os leigos, quando lhes davam tempo para falar sobre algum assunto proposto no momento". Para Alcídamente, esses, "seriam como

<sup>67</sup> Cf. no *Sobre os Sofistas* (§15), onde Alcídamente diz achar "estranho que alguém que reivindique para si a filosofia e que se comprometa a ensinar os outros, tenha em mãos uma tábua escrita, ou um livro, para poder demonstrar sua sabedoria".

<sup>68</sup> Cf. no *Sobre os Sofistas* (§16), onde Alcídamente alude aos que ficavam *áphonos*, emudecidos, igualando-se aos de "voz débil" quando convocados a falar sem o apoio de um texto ou de um livro em mãos. Cf. também em Derrida, onde ele aponta que, para Alcídamente, a escrita seria uma "consolação, uma compensação, um *phármakon* para os que têm a voz fraca" (2005. p. 61).

<sup>69</sup> Sobre essas limitações sendo reconhecidas em Isócrates, cf. em *Vida de Isócrates*. XXXIV. 36 e na *Vida dos Dez Oradores* (837 a), de Plutarco, assim como no *Panatenaico* (XII). 10-12 ou na *Carta a Felipe* (V. 81), onde o próprio Isócrates afirma não ser um *ρήτωρ* e não ter voz potente, nem atrevimento, para "insultar e vituperar os que frequentavam a tribuna".

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

acorrentados, que, uma vez libertos, não conseguiriam andar com os outros, sem retornar aos movimentos cadenciados<sup>70</sup>, não se diferenciando em nada dos que tinha voz débil (ἰσχυροφώνων)", que nunca dispunham de uma livre presença de espírito que permitiria "manejar a fala com fluência e de modo agradável"<sup>71</sup>.

Se, como sugere Avezzi (1982: 68-69), para dar forma ao personagem cínico Alcidas, no *Banquete*<sup>72</sup>, Luciano parece usar caracteres do herdeiro de Górgias, porque não pensar que Luciano pudesse estar, de fato, destacando traços do *êthos* de Alcidas de Eleia para fabricar críticas humoradas aos filósofos que diziam uma coisa, mas, que, em seus cotidianos, na prática, faziam outras<sup>73</sup>, contrariando o que apregoavam em suas respectivas doutrinas? Afinal, é mais uma coincidência que entre os traços ressaltados por Luciano, no *Banquete* (§12-13), esteja o efeito provocado pela vigorosa voz do personagem, cínico, Alcidas, um traço que não só se encaixa com a *apologíā* alcidasiana da fala espontânea, potente e improvisada, como remete às censuras feitas por Alcidas a Isócrates, e outros, devido à timidez, falta de audácia ou voz fraca. Curiosamente, no *Banquete* escrito por Luciano, somente Alcidas age em acordo com sua própria concepção filosófica, que é caricaturada como dura, é fato, mas que seria suficientemente franca para fazer com que os outros convivas evitassem a *parresíā*, na sua presença. Nas palavras de Luciano (§12): os convidados "murmuravam palavras, espirituosas e certeiras, mas ninguém se atrevia a dizê-las em voz alta, pois tinham medo de Alcidas, o mais ladrador dos cães, com a sua voz potente"<sup>74</sup>. Não por acaso, na seção da *Retórica* (1414 a 15) onde compara as expressões escrita e falada, dirá Aristóteles que as falas presenciais onde se

<sup>70</sup> Considerando-se diferenças contextuais, comparar com imagens proporcionadas na *República* de Platão (VII. 514 a- 518 d) e também com uma passagem do *De liberis educandi*. 6 e, onde Plutarco se apropria literalmente dessa imagem proporcionada por Alcidas.

<sup>71</sup> No *Sob a máscara do Palamedes Eleático*, que é o terceiro artigo da série em que eu examino proximidades e desacordos entre os pensamentos de Alcidas, Isócrates e Platão, apresento um exame detalhado das passagens do *Sobre os Sofistas* (§27-29) e do *Fedro* (275 d-e), onde Alcidas e Platão parecem usar uma imagem proporcionada por Górgias, no *Elogio de Helena* (§13-18), para mostrar as similaridades entre a escrita e a pintura (imagem ou escultura), ao passo que a fala presencial teria as qualidades do ser vivo, animado, capaz de partir do próprio pensamento. Cf. também sobre essa mesma imagem, em Isócrates, no *Contra os Sofistas* (§12).

<sup>72</sup> Sobre essa possibilidade, cf. a nota nº 40, com a citação de Menandro, assim como também em J. V. Muir (*Alcidas. The Work & Fragments*. London. Bristol Classic. 2001, XXVIII) e em Neil O' Sullivan, onde se destaca a possível caracterização de Alcidas como um filósofo cínico, no *Banquete* de Luciano de Samósata (cf. a p. 111, nota nº 337, de *Alcidas, Aristophanes and the beginnings of greek stylistic theory*. 1992).

<sup>73</sup> Lembrando que essa espécie de crítica era também atribuída a Diógenes de Sínope.

<sup>74</sup> Por essa via, sabendo que Milne (1922. p. 11) cogita que Aristófanes possa ter usado figuras de linguagem de Alcidas para aplicá-las na comédia *Rãs*, torna-se uma questão a ocorrência, na peça *Vespas* (422 a.C), do *hápax* κεκραξιδάμας [κέκραγα; δαμάω]. Nessa peça, com κεκραξιδάμας, Aristófanes qualifica Cléon, o demagogo, como "aquele que ganha tudo no grito" (*Vespas*. 596), encontrando-se no léxico *Liddell-Scott-Jones* uma entrada que associa esse *hápax* de Aristófanes a Alcidas (Αλκιδάμας); por analogia.

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

faz necessária a representação (e o improviso) prescindem da exatidão característica da escrita, sendo preciso que "os mais considerados rétores tenham uma voz potente".

Por fim, para concluir, cabe ressaltar que a leitura aqui apresentada entende como bastante possível ter sido Alcidasante ocultado na escrita poética de Platão. Lembrando que Aristóteles, mesmo citando diversas vezes Alcidasante em sua *Retórica*, o faz quase sempre alinhando esse sofista nativo da Eleia eólica a um grupo de "rétores excessivamente poéticos", grupo esse que era composto por Empédocles, por Górgias e os seus mais destacados discípulos. De certo modo, aceitamos, em parte, um desafio vislumbrado por Léon Robin, isto é, o de lado a lado com o exame de algumas ideias de Alcidasante, investigar pistas que conduzem a uma leitura diferente sobre uma ainda não muito indagada relação de disputa ocorrida entre institutos formadores de Atenas à época de Górgias, Sócrates, Alcidasante, Isócrates, Antístenes e Platão, entre outros.

Como percebe Giovanni Casertano (2008: 1-3), parecemos habituados a aceitar mais ou menos acriticamente a idéia de que as concepções de Górgias e de Platão sobre a vida e a filosofia seriam antitéticas ou mesmo incompatíveis, sendo o próprio Platão, sob certos aspectos, um dos responsáveis por fazer com que alguns leitores dos seus dramas acabassem construindo, sobre eles, "castelos historiográficos, teóricos, morais e políticos, descuidando de ver os enormes fios que ligam os pensamentos de Górgias", de quem Alcidasante foi fiel representante, "e de Platão", que teve Sócrates como sua grande referência.

### Referências Bibliográficas:

- ALCIDAMANTE DE ELEA. *Testimonios y Fragmentos*. Trad. Juan Luis López Cruces, Javier Campos Daroca y Miguel Ángel Márquez Guerrero. Madrid: Ed. Gredos, 2005.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Quintín Racionero. Madrid: Ed. Gredos, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Poética*. Trad. Valentín Garcia Yebra. Madrid: Gredos, 1974.
- AVEZZÙ, G. *Alcidasante. Orazioni e frammenti*. Testo, introd., trad. e note a cura di G. A. (Boll. Ist. Filol. Gr., Suppl. 6). Roma, 1982.
- BRANCACCI, A. *Alcidasante e PHibeh 13 "De Musica"*. *Musica della retorica e retorica della musica*, en Idem, F. Decleva Caizzi (eds.), *Aristoxenica, Menandrea, fragmenta philosophica*, Florencia, 1988.
- CASERTANO, G. *A verdade platônica entre lógos e páthos*. in *Anais de Filosofia Clássica*. Vol. 2, nº 4. 2008.
- CASSIN, B. *O Efeito Sofístico*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

- DERRIDA, J. *A Farmácia de Platão*. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2005.
- DIONISIO DE HALICARNASSO. *Tratados de Crítica Literária*. Trad. Juan Pedro Oliver Segura. Madrid: Ed. Gredos, 2005.
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas y opiniones de los filósofos*. Trad. Carlos García Gual. Madrid: Ed. Alianza, 2007.
- DUSANIC, S. *Alcidamas of Elaea in Plato's Phaedrus*, *Class. Quart.*, n. s. 42 (1992).
- FILÓSTRATO. *Vida dos Sofistas*. Trad. María Concepción Giner Soria. Madrid: Ed. Gredos, 1999.
- GOMPERZ, T. *Les Sophistes*. Houilles: Ed. Manucius, 2008.
- GORGIAS. *Testemunhos e Fragmentos*. Trad. de Manuel Barbosa e de Inês de Ornellas e Castro. Lisboa: Ed. Colibri, 1993.
- HOMERO. *Iliada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Odisseia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 1996.
- ISÓCRATES. *Discursos I*. Trad. Juan Manuel Guzmán Hermida. Madrid: Ed. Gredos, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Discursos II*. Trad. Juan Manuel Guzmán Hermida. Madrid: Ed. Gredos, 1980.
- KENNEDY, G. *The Art of the Persuasion in Greece*. New Jersey: Princeton University, 1963.
- LUCIANO. *Obras I*. Trad. Andrés Espinoza Alarcon. Madrid: Ed. Gredos, 1981.
- MAZZARA, G. *La rhétorique éléatico-gorgienne d'Alcidamas chez Diogène Laërce (IX. 54) et les quatres fonctions fondamentales du λόγος*. In: *L'antiquité classique*, Tome 74, 2005.
- MILNE, M. J. *A study in Alcidamas and his relation to contemporary sophistic*. Tese, Pennsylvania, 1924.
- McCOY, M. *Platão e a retórica de filósofos e sofistas*. São Paulo: Ed. Madras, 2010.
- MOSSÉ, C. *O processo de Sócrates*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1887.
- MUIR, J. V. *Alcidamas*. London: Ed. Bristol Classical Press, 2001.
- PLATÃO. *Górgias*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Phèdre*. Trad. Léon Robin. Paris: Belles Lettres, 1933.
- \_\_\_\_\_. *Platonis opera omnia quae exstant*: Marsilio Ficino interprete. Lugduni: Apud Franciscum le Preux. MDXC [1590].
- \_\_\_\_\_. *Sofista*. Trad. Nestor Cordero. Madrid: Ed. Gredos, 1992.
- PLUTARCO. *Vida dos dez oradores*. Trad. Mariano Valverde Sanchez, Helena Rodriguez Somolinos y Carlos Alcade Martin. Madrid: Ed. Gredos, 2003.
- QUINTILIANO. *Instituição Oratória*. Tomo I. Trad. Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Unicamp, 2015.
- RADERMACHER, L. *Artium scriptores (Reste der voraristotelischen Rhetorik)*, Viena, 1951, (S, O, frs.).
- ROSE, S. *Plato's Sophist. The Drama of Original and Image*. Indiana: St. Augustine's Press, 1999.

Salles, Lucio Lauro Barrozo Massafferri  
*As faces do sofista de Eléia*

SZLEZÁK, T. A. *Platão e a Escritura da Filosofia*. São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

UNTERSTEINER, Mario, *Sofisti. Testimonianze e frammenti*. Milano: Ed. Bompiani, 2009.

[Recebido em julho de 2016; aceito em setembro de 2016.]